



## Macroeconomia

# Analizando a economia global

Rogério Mori\*

AS ÚLTIMAS informações acerca da economia brasileira sinalizam para uma manutenção da aceleração do ritmo de crescimento do produto neste ano. Os dados referentes ao produto do primeiro trimestre de 2011 indicam um crescimento mais robusto em relação ao registrado em fins do ano passado. Esse fenômeno, aliado às pressões inflacionárias, indica uma continuidade do processo de aperto da política monetária brasileira nos próximos meses, e o Copom deverá ajustar a meta da taxa básica de juros – Selic – nas próximas reuniões de tal forma a compatibilizar o ritmo da expansão da demanda agregada ao da oferta agregada em bases mais moderadas. De qualquer forma, é inegável que o ambien-

te econômico brasileiro se mostra positivo neste período.

O cenário, sem dúvida, é consideravelmente distinto do que pode ser verificado na economia mundial, em que o pessimismo e um cenário negativo começam a se consolidar. Do lado da economia norte-americana, os sinais apontam para um ritmo fraco da atividade econômica no segundo trimestre, o que consolida um semestre de baixo crescimento. As perspectivas não são as melhores: o congresso dos EUA permanece dividido, e as chances de novos impulsos fiscais são limitadas. Ao mesmo tempo, a política monetária permanece em xeque e ineficaz no sentido de proporcionar novos estímulos à demanda agregada. Dentro

desse cenário, não é possível apostar em uma retomada mais vigorosa da economia norte-americana daqui para frente.

De maneira simultânea, a economia europeia mantém-se mergulhada em um conjunto de indefinições e incertezas. Sob essa perspectiva, a Europa continua a exibir um baixo crescimento econômico ao longo dos últimos trimestres, sem sinais de grandes mudanças mais adiante. Adicionalmente, os riscos impostos pelos PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha) ao sistema financeiro europeu e global. O potencial de um *default* desordenado em um ou mais desses países abortaria o processo de recuperação econômica dessa região e afetaria a economia global.

No que se refere ao Japão, as indicações também não são as mais favoráveis. Mesmo antes do tsunami, a economia do Japão já enfrentava dificuldades de recuperação, e levará um tempo considerável para que esse país volte a registrar sinais mais positivos em termos de crescimento do produto.

Adicionalmente, vários países emergentes começaram a desacelerar suas economias. A China, nesse contexto, deverá registrar alguma desaceleração no seu ritmo de crescimento mais adiante.

As indicações de um cenário econômico não muito favorável daqui para frente têm proporcionado alguma contaminação do lado dos mercados financeiros. Com isso, os preços de vários ativos começaram a ser ajustados para baixo. Nesse contexto, volatilidade e incerteza devem prevalecer nos mercados daqui para frente. ■

\*Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EESP)

